

**ATLAS LINGÜÍSTICO DE PERNAMBUCO (ALIPE): GÊNESE E ESTÁGIO ATUAL**

Edmilson José de SÁ (Universidade Federal da Paraíba)

**RESUMO:** este artigo tem como intuito apresentar alguns resultados preliminares do Atlas Lingüístico de Pernambuco (ALIPE), em fase de pesquisa para tese de Doutorado, seguindo a metodologia do ALIB com os questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático já existentes, e algumas questões de natureza específica, contemplando folgedos e artesanato. A proposta desse projeto se pauta nas pesquisas a 22 cidades do cais ao sertão do estado, sendo que, até o momento, a diagnose foi realizada em apenas cinco delas: *Águas Belas, Arcoverde, Caruaru, Custódia e Tupanatinga*, pertencentes à microrregião do Agreste Pernambucano. O estado de Pernambuco foi escolhido para a pesquisa tendo em vista a escassez de trabalhos descritivos da língua falada, a despeito dos trabalhos de Marroquim (1996) e Navarro (2004), além de alguns trabalhos acadêmicos. Esperamos, assim, que os aspectos aqui mencionados já sirvam de suporte analítico para estabelecer comparações com trabalhos já consolidados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descrição Lingüística. Dialetoлогия. Atlas Lingüístico. Pernambuco

**1. Considerações iniciais**

A língua é justificadamente um sistema de signos que funcionam a partir de regras e coibições. O dialeto, por sua vez, é uma forma de língua usada num local restrito que possui um sistema léxico, sintático e fonético próprio, e a fala também é uma forma da língua usada por um determinado grupo social.

A variação e a mudança lingüísticas, no estágio de desenvolvimento em que se encontra a sociolingüística, passam por enormes problemas tanto ao nível metodológico como no campo prático de análise, de interpretação e de modelização.

Diante dessa preocupação, este trabalho se propõe a conhecer um pouco mais da variação lingüística do Português Brasileiro, sobre o qual já existem inúmeros trabalhos a nível sociolingüístico, mas ainda poucos documentos sob a égide da dialetoлогия. Assim, pretendemos verificar no Estado de Pernambuco, como se dá o comportamento na fala espontânea dos moradores urbanos, nos níveis fonético-fonológico, lexical e morfossintático, a partir da construção de cartas que comporão o Atlas Lingüístico do Estado,

**2. Estudos dialetológicos: trilhas a seguir**

Os trabalhos dialetológicos usufruem da cartografia para serem documentados, sendo, pois, construídos o que os teóricos chamam de atlas lingüístico.

Para Cunha (1957, p. 41) o atlas lingüístico “é um grande vocabulário dialetal que visa a apresentar, de maneira científica e viva, sobre cada carta, as diferentes variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto”. Por sua vez, Brandão (1991, p. 25) define como atlas lingüístico “o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico.”

A preocupação dos estudos do Português Brasileiro geolingüisticamente é evidente e tem ocorrido há muito tempo. Com o fim da Primeira Guerra, produções que analisavam o pensamento brasileiro, suas manifestações culturais já despertavam o interesse, o que já

representava o primeiro passo para estudar outro aspecto importância para o país, o seu idioma. Há muito, no Brasil, estudiosos da linguagem vêm pregando a necessidade de estudos dos falares<sup>1</sup> nacionais. Esse propósito já era discutido, há quase um século, por Amadeu Amaral ([1920] 1976, p. 02):

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restritas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escoreita e séria prestariam muito maior serviço (...)

Para Houaiss (1960), o estudo científico do instrumento de comunicação – no nosso caso concreto, a língua portuguesa afeiçãoada às nossas características nacionais – está cada vez mais na dependência de pesquisas de campo, graças às quais se poderá levar a bom termo, num futuro que esperamos não seja remoto, o Atlas Linguístico do Brasil, melhor, o Atlas Dialectológico Brasileiro.

Já o trabalho de *Renato Mendonça*, além dos períodos pré-histórico e histórico-etnográfico do idioma, também mostra o lado dialetológico, segundo o qual, foi possível classificar a língua com um conjunto de dialetos. A divisão de Mendonça para seu estudo se divide entre os anos 1826 até os dias de hoje.

Outra contribuição aos estudos dialetológicos no país veio com o livro *A Língua Portuguesa no Brasil* de autoria de *Virgínio Lemos* que analisa possíveis subdialetos no Brasil, o que insinua a ideia de um estudo geolinguístico no país. Ele sugeriu que fossem organizadas pesquisas pelo país a fora, para que se compreendesse mais apuradamente o idioma falado de região por região.

A partir daí, começaram a surgir trabalhos de grande importância inspiradora para as pesquisas geolinguísticas. Sem esquecer do pioneirismo de Nelson Rossi em 1963, de criar o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), vários outros se encontram nas bibliotecas do país e talvez extrapolando as suas fronteiras. Já se tem conhecimento do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG – 1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB – 1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (ALSE – 1987), o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR – 1994), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS – 2002) Atlas Linguístico de Sergipe – II (ALSE II - 2005), o Atlas Linguístico e Sonoro do Pará (ALISPA – 2004), o Atlas Linguístico do Amazonas e de Altino (2007) e o Atlas Linguístico do Paraná – II (ambos ainda sem publicação), o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS (2007). Recentemente foi publicado o Atlas Linguístico do Ceará (ALECE).

Há ainda mais cinco Atlas Regionais em andamento nos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia e Pará, além de outras dissertações e teses já concluídas ou em andamento focalizando atlas microrregionais.

---

<sup>1</sup> Para o termo falares, adotou-se o conceito proposto por Câmara Jr. (1981, p. 115): “línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum. [...] Os falares caracterizam-se ainda, em face da língua comum, pela circunstância de pertencerem à língua cotidiana oral, de sorte que a língua escrita, na pequena região em que vigora, se cria na base da língua comum, embora possa se apresentar às vezes menos ou mais contaminada pelos traços do falar local”.

### 3. A língua portuguesa no nordeste

Todos nós sabemos que a língua portuguesa aportou primeiro no Nordeste, através dos donatários das capitanias, quando a antiga Terra de Vera Cruz era apenas uma faixa estreita, limitada pelo Tratado de Tordesilhas. Em meio à catequese jesuítica, eles preferiam usar o latim a aprender a língua geral da costa - o *tupi* - para melhor divulgar a fé cristã.

No Nordeste, a língua foi adaptada a novos hábitos fonéticos, recheando-se de termos de origem indígena e, mais adiante, de origem africana, e guardou-se esta modalidade de língua transplantada, sem quase modificá-la, diferentemente do Sudeste, pois não recebe grandes quantidades de falantes de outras línguas.

Segundo Carvalho (2000),

Uma vez que a língua e a cultura são indissociáveis, no Nordeste, encontramos nessa região uma cultura rica em termos, ritmos e expressão plástica, com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização. Para comparar os diferentes modos de falar do brasileiro nas mais diversas localidades, podemos exemplificar na forma variável da palavra /*menino*/ que, na fala dos pernambucanos, se realiza como [mɪ»ninU], enquanto o baiano abre bem e diz [mE»ninU] ao contrário dos habitantes do sul do Brasil, que pronunciam com a vogal *e* fechada tal como [me»ninU].

Apesar da riqueza cultural supracitada, há pouco documentado em relação à fala nordestina. O trabalho de Marroquim (1996) intitulado *A Língua do Nordeste* foi um dos primeiros a serem publicados sobre a região. Além de um retrospecto histórico, o autor analisa fatos específicos como a fonologia, as figuras de dicção, o léxico e a sintaxe na fala característica da região nordestina.

O projeto VALPB, iniciado em 1994, que culminou em quatro volumes publicados em 2001, sob a organização dos professores Dermeval da Hora e Juliene Pedrosa, ainda se mantém ativo na realização de pesquisas do português falado na Paraíba. A proposta desse projeto é traçar o perfil linguístico em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes da comunidade de João Pessoa, observando fatores estruturais e sociais que interferem na realização de determinados fenômenos, com destaque para a palatalização e aspectos de concordância verbal. No período 2003-2006, a ênfase foi para o processo de apagamento das consoantes em posição de coda /r, l, s, n/, bastante recorrente no Português Brasileiro e também em muitas línguas do mundo. A proposta do VALPB também visa estabelecer comparações em nível regional e nacional, salientando as semelhanças e divergências dialetais.

Ainda no Nordeste, foi implantado o Projeto ALiMA que, semelhante a um atlas linguístico, busca recolher um amplo *corpus* com vistas a descrever o português falado no Maranhão, considerando os diferentes níveis de análise da língua: a pronúncia, a entoação, o vocabulário, os conteúdos semânticos, a organização da frase. Dando maior ênfase às riquezas culturais do estado, o projeto tem vários estudos semântico-lexicais, destacando-se o trabalho da professora Thaisa Helena sobre aspectos semântico-lexicais de cânticos afro-maranhenses.

Bahia, Ceará e Sergipe têm os seus "Atlas Prévios dos Falares", elaborados pelos grupos das respectivas universidades federais. Em Pernambuco, não há, até agora, nenhum mapeamento dos usos linguísticos, a despeito da contribuição de Fred Navarro, com o

Dicionário do Nordeste e outros trabalhos mais regionais. No Dicionário de Fred Navarro foram retiradas expressões de letras de músicas regionais, receitas diversas e frases dos escritores do estado e se expressaram no linguajar rico de metáforas e metonímias.

#### 4. Aspectos metodológicos da construção do alipe

No quadro de uma teoria do movimento, pretendemos empreender observação sobre o Estado de Pernambuco, o qual temos o desejo de aprender a conhecer. O ponto de vista sociolinguístico foi de máxima importância para determinar as condições e os contextos intra e extralinguísticos onde ocorrem a variação e a mudança linguística. Englobar esses mecanismos do ponto de vista interno e externo possui a dupla vantagem de possibilitar a abordagem do locutor tanto como indivíduo social, dentro de uma área geográfica específica, como indivíduo estatístico, que em um mapa geográfico mostra flutuações de um subsistema linguístico em interação com outros subsistemas. Os indivíduos em interação são criadores de subespaços de interlíngua. É, portanto, necessário prestarmos mais atenção aos métodos de observação desse movimento linguístico.

Para a seleção dos informantes, foram adotados os critérios baseados no ALIB, segundo o qual, são inquiridas pessoas de 18 a 30 anos e de 50 a 65, uma de cada sexo, perfazendo o total de 4 informantes por cidade, sendo que na capital, também são inquiridos informantes de nível universitário.

Procuramos descrever e explicar a variação no espaço e no tempo, observando os indivíduos em interação e as "coleções de indivíduos", para não utilizar o termo "comunidade linguística", que possui implicações subjetivas. Atingir uma co-variação sociolinguística é uma prioridade, caso não desejemos nos voltar completamente para modelos mais formais e mais formalizantes que emanam dos gabinetes de trabalho e só podem ser aplicados nesses mesmos gabinetes. A integração da dimensão social nos garante o valor das informações oriundas de um campo bem balizado e nos permite, consequentemente, compreender os mecanismos internos envolvidos na variação e na mudança linguística.

O Nordeste é uma das cinco regiões geográficas brasileiras, ao lado do Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Nele, o Estado de Pernambuco ocupa a porção oriental, sendo banhado pelo Oceano Atlântico e fazendo divisa entre quase todos os estados nordestinos, à exceção de Sergipe, Maranhão e Rio Grande do Nordeste.

Em consequência da configuração espacial que apresenta e do processo de povoamento que ocorreu, o espaço pernambucano oferece, do litoral para o interior, uma diversificação de formas de uso da terra, o que implica também transformações étnicas, socioeconômicas e culturais. Andrade (2003, pág 24) reforça que *as condições naturais, a posição geográfica e a formação econômico-social que modelaram o território pernambucano determinaram regiões geográficas aceitas pelo consenso, o Litoral, o Agreste e o Sertão, que, por sua vez, se subdividem em meso e microrregiões geográficas.*

Ainda conforme encontrado em Andrade (2003), cada mesorregião de Pernambuco é constituída de municípios, perfazendo o Estado, atualmente, 184 unidades político-administrativas. A esses 184 municípios soma-se o arquipélago de Fernando de Noronha considerado como um dos Parques Nacionais Marinhos do País e que também faz parte de Pernambuco.

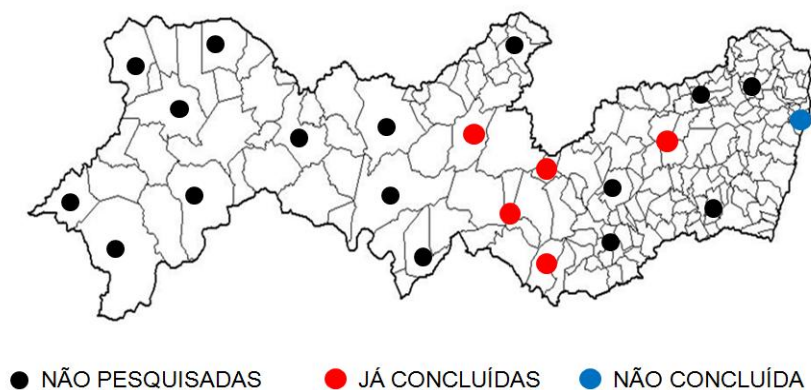
Em decorrência dessas transformações no Estado, a despeito do que também ocorre em todo o Brasil na sua estrutura populacional, refletida tanto na composição etária, como na composição por atividades profissionais, em consequência de um intenso processo de urbanização (ANDRADE, 2003, pág 95), encontramos falantes de um grupo social se

comunicam habitualmente de um mesmo modo e mantêm esses comportamentos através das gerações, enquanto falantes de outro grupo social também têm seu modo peculiar de se comunicar, adquirido também por influência de aspectos geográficos, históricos e sociais. Assim, a história e localização geográfica de Pernambuco, bem como seu desenvolvimento socioeconômico e cultural associados à realidade sub-regional podem resultar em uma realidade linguística mais variável, o que pode justificar a escolha do referido estado para a realização deste estudo e a necessidade de um mapeamento dessas formas conservadas na linguagem de seus habitantes.

Conforme dados do IBGE de 1996, o Estado de Pernambuco pode ser dividido em cinco mesorregiões, quais sejam: Sertão Pernambucano, São Francisco Pernambucano, Agreste Pernambucano, Mata Pernambucana e a Mesorregião Metropolitana do Recife.

Para Ferreira & Cardoso (1994), a seleção das localidades para uma pesquisa geolinguística se constitui de um acurado estudo socioeconômico e geográfico-histórico, que define a escolha. Considerando a realidade de alguns municípios com base numa sondagem preliminar, como sugere Silva Neto (1955), apropriamo-nos da divisão encontrada em Albuquerque (2003, pág 141), e selecionamos 22 municípios, sendo que alguns dos quais também fazem parte da divisão proposta por Nascentes (1958)<sup>2</sup> e pelo ALIB, a saber: Do Sertão do Araripe – *Araripina, Exu, Afrânio, Ouricuri\**; do Sertão do Médio São Francisco – *Petrolina\*, Santa Maria da Boa Vista\**; do Sertão do Submédio São Francisco – *Floresta\*, Tacaratu*; do Sertão do Alto Pajeú – *São José do Egito*; do Sertão Central – *Salgueiro\*, Serra Talhada*; do Sertão do Moxotó Ipanema – *Arcoverde, Custódia, Tupanatinga, Águas Belas*; do Agreste Meridional – *Garanhuns\**; do Agreste Centro Norte – *Caruaru\**; do Vale do Capibaribe – *Limoeiro*; do Mata Sul – *Palmares*; da Mata Centro – *Vitória de Santo Antão*; da Mata Norte – *Nazaré da Mata* e da Região Metropolitana – *Recife\**.

Até agora, foram concluídas as pesquisas em cinco cidades, como o mapa abaixo pode informar:



Mapa 1: Distribuição de municípios e estágio atual da pesquisa. Fonte: Elaboração de Edmilson José de Sá, João Pessoa. 2010.

De acordo com o mapa, os inquéritos foram concluídos em Águas Belas, Arcoverde, Caruaru, Custódia e Tupanatinga, e iniciado na capital do estado, Recife. A ideia é que na metade de 2011, todos os inquéritos para o Atlas Linguístico de Pernambuco estejam finalizados.

<sup>2</sup> Destacamos como pontos exclusivos de Nascentes (1958, pág. 21) os municípios posteriormente identificados com asteriscos.



## 5. Aspectos encontrados da fala de pernambuco

Mesmo a pesquisa ainda estando num nível muito preliminar, já podemos trazer alguns resultados que se destacaram nas cidades inquiridas.

No campo fonético-fonológico, encontramos até agora os seguintes aspectos:

### a) Monotogação:

Caixa [»kaI9S' > »kaS']

Tesoura [tI»zoU9R' > tI»zoR']

Peneira [pe»neI9R' > pe»neR']

### b) Metátese:

Vidro [»vidRU > »vRidU]

Fervendo [fE'»ve)dU > fE'»ve)nU > fRE»ve)nU]

Prateleira [pRatI»leR' > pahtI»leR']

### c) Rotacismo:

Almoço [aw»mosU > aR»mosU]

Soldado [sçw»dadU > sç@»dadU]

### d) Abaixamento da vogal pretônica:

Borboleta [bç'bU»let' > ba'bU»let']

### e) Enfraquecimento da vogal postônica:

Lâmpada [la)pad' > la)p<sup>i</sup>d']

Tomate [tU»matI > tU»mat<sup>i</sup>]

Com relação aos aspectos semântico-lexicais, podemos destacar as respostas mais proferidas na pesquisa até o momento. Tal destaque ficou por conta dos campos das atividades agropastoris e do corpo humano.

Para a pergunta sobre a ponta roxa do cacho da banana (QSL 044), as respostas foram: *flor, naibo da banana, mangará, mango, mangará, coração, imbigo da banana*.

Já em relação ao caminho que se abre com machado, facão ou foice para passar por um mato fechado (QSL 62), encontramos *trilha, varedo, estrada, madeira, camim, mata, abre o mato, vareda*.

No campo do corpo humano, foi perguntado qual o osso que vai do pescoço até o ombro (QSL 106), foram encontradas as respostas *ombro, pá, coluna, cavícula, cavicra e clavícula*. Também no mesmo campo, foram solicitadas designações para tornozelo e as respostas mais encontradas até agora foram *tornozelo, rejeito, rótula, tendão, mocotó*.

Como ocorre nos atlas lingüísticos estaduais, é necessário também elaborar questões semântico-lexicais de nível específico de cada região. Em Pernambuco, os campos escolhidos foram folguedos e danças, envolvendo frevo e maracatu, e artesanato, envolvendo barro e renascença.

Quando perguntado sobre a dança típica de Pernambuco (QSLE 001), as respostas mais recorrentes foram *frevo, quadrilha, maracatu, forró, bloco de carnaval, axé, boi bandeira*.

Foi também inquirido qual a renda confeccionada com agulha e linha, típica de Pernambuco (QSLE 0036). As respostas obtidas até agora foram *renascença, renda, pano, renascer, croché, crochê*.

Para a pergunta do QSLE 0044, qual a argila modelada usada no artesanato de Pernambuco, encontramos *barro, cerâmica, argamassa, mármore, pedra-mármore* como respostas.

A pergunta do QSLE 0050 sobre o local onde se fabricam peças de barros e cerâmica, as respostas detectadas até o presente momento são *barreiro, lauria, olaria, casa, caieira, artesanato, fábrica*.

No caso do Questionário Morfossintático, destacamos os aspectos abaixo como mais relevantes:

- a) Não preferência pelo artigo diante de nomes próprios: *Tenho 3 filhos: Pedro, Paulo...*
- b) Despluralização das palavras : *Duas mão, dois leão, três anzol*
- c) Variação de gênero: *Um/uma guaraná; um/uma alface*

## 6. Considerações finais

A proposta para o Atlas Linguístico de Pernambuco está sendo desenvolvida sob a perspectiva Geolinguística, levando-se em conta os resultados dos questionários também utilizados pelo Atlas Linguístico do Brasil e algumas questões de cunho específico do estado.

Para a ocasião, procuramos apresentar de maneira ainda embrionária os resultados dos dados coletados para o Atlas Linguístico de Pernambuco, de modo a verificar o que foi mais relevante até o momento, já que as pesquisas só foram concluídas em cinco municípios.

Os resultados encontrados apresentam variações na fala sob as mais diversas acepções. Destacamos os processos de *monotogação, metátese, paragoge, rotacismo, abaixamento da vogal pretônica e enfraquecimento da vogal postônica* na perspectiva fonético-fonológica; realizações lexicais mais variáveis nos campos semânticos das *atividades agropastoris e do corpo humano*, além de alguns casos do questionário específico, que contempla *folgedos, danças e artesanato do estado*. Além disso, ocorreram alterações morfosintáticas, especialmente de gênero, número e colocação do artigo definido.

Diante do que foi verificado até agora nos dados encontrados em Pernambuco, podemos atestar que o estado possui uma realidade linguística bastante variável e, ao término das pesquisas nos 22 municípios selecionados, será possível conhecer essa realidade diatópica e diastaticamente, confrontando-a com outros estudos de mesma natureza e, mais ainda, valorizando a fala (e por que não a cultura?) da nossa região, especialmente do nosso estado, reconhecendo e legitimando a heterogeneidade da língua que falamos.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Maria Jaci Câmara de. Educação. In: ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **Atlas Escolar de Pernambuco**. João Pessoa. Grafset. 2003.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC/ Secretaria da Cultura. 1976.
- ANDRADE, Thaís de Lourdes Correia. Formação do Território Pernambucano. In: ANDRADE, Manuel Correia de Oliveira. **Atlas Escolar de Pernambuco**. João Pessoa. Grafset. 2003.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática. 1991.

- CARVALHO, Nelly. 2000. **A Língua do Nordeste**. < Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/linguane.htm>. Acesso de 20 de agosto de 2006.
- CUNHA, S.; SILVA NETO, S. da. 1957. **Guia para estudos dialectológicos**. 2ª ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994
- HOUAISS, A. **Sugestões para uma política da língua**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro. 1960.
- MARROQUIM, Mário. [1934] **A língua do Nordeste**. 3ª. ed. Curitiba: HD Livros Editora. 1996.
- NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa. 1958.
- SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. 1957.